

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

WAYNER DE ANDRADE LIMA

O CONCEITO DE TEMPO NA ENÉADA III. 7 DE PLOTINO

Brasília

2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

WAYNER DE ANDRADE LIMA

O CONCEITO DE TEMPO NA ENÉADA III. 7 DE PLOTINO

Monografia em Filosofia, apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Alex Calheiros.

Brasília  
2012

WAYNER DE ANDRADE LIMA

O CONCEITO DE TEMPO NA ENÉADA III. 7 DE PLOTINO

Monografia em Filosofia, apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade de Brasília, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Alex Calheiros (Orientador)

---

Prof. Dr. Márcio Gimenes

Brasília, 19 de Outubro de 2012

Para Lúcia e Amanda,  
as mulheres da minha vida.

## **Agradecimentos**

Um homem não se constrói sozinho, e eu não poderia deixar nomear aqui aquelas pessoas que tanto me ajudaram a alcançar este ponto de minha vida.

Em primeiro agradeço a minha mãe Lúcia, mulher que me ensinou que a honra de uma pessoa e sua conduta é um dos seus maiores triunfos. Com ela aprendi a não desistir nem deixar que o cansaço e o desânimo fossem barreiras ao meu avanço.

Aos professores que atuaram em minha educação desde meu primeiro ano de escola. Sinto não poder nomear a todos aqui. Uma menção especial aos professores de meu ensino médio, que foram apoio a minha carreira acadêmica, em especial ao Marcos, meu primeiro mestre na filosofia em sala de aula, e que tornou-se também um amigo. Aos meus mestres na universidade meu muito obrigado pela paciência e lições dadas ao longo dos anos, sinto falharei ao citar a todos eles. Meu agradecimento ao Gerson Brea, Scott Paine e Nelson Gonçalves, professores que souberam transmitir o conhecimento e valores que levarei por toda a vida.

Por fim as pessoas que me ajudaram nesta pesquisa, Loraine de Fátima pela sugestão do tema, Guy Hamelin por acreditar e orientar a pesquisa, Priscila Rufinoni e Alex Calheiros pelo apoio.

E para a minha noiva Amanda Serra, que me serviu de suporte durante os dias de estresse, aconselhando e incentivando, e por tudo que fez e faz por mim.

*“Toda sabedoria vem do Senhor, ela está junto dele desde sempre. A areia do mar, os pingos da chuva, os dias da eternidade, quem os poderá contar? A altura do céu, a amplitude da terra, a profundidade do abismo, quem as poderá explorar? Antes de todas essas coisas foi criada a Sabedoria, e a inteligência prudente existe desde sempre. A quem foi revelada a raiz da sabedoria? Seus recursos, quem os conhece? Só um é sábio, sumamente terrível quando se assenta em seu trono: é o Senhor.”*

## Resumo

Plotino, expoente da filosofia antiga tardia, produziu uma grande quantidade de textos sobre as mais diversas temáticas. Entre os mais conhecidos, está aquele onde o filósofo expõe a sua teoria sobre tempo. A conhecida Enéada, tem fortes traços da influência da tradição grega clássica, sendo destaque as referencias diretas a obra de Platão, como por exemplo diálogo *Timeu*, e serviu na era medieval como uma arca que preservou, ao menos indiretamente, a tradição filosófica grega que se viu enfraquecida nessa época. A tão influente teoria idealista de Platão atingiu a muitos pensadores na baixa idade média através não só da obra de Plotino, como através de outros textos que se perderam ao longo do tempo ou sequer figuram na lista de obras filosóficas.

De forma clara, o cristianismo fez uso do idealismo platônico para fundamentar sua teologia, e contagiar a tantos intelectuais da época com os princípios do Evangelho. Agostinho de Hipona é um excelente exemplo de pensador cristão que faz uso exaustivo dos textos de Platão. Sua obra *Confissões*, dividida em duas partes, sendo a primeira voltada a confissão biográfica, e a segunda um tratado filosófico acerca de diversos temas através da ótica cristã, apresenta no Livro XI, uma bela dissertação sobre o tempo, onde se mostram fortes inspirações neoplatônicas.

Muitos estudiosos apontam a existência de uma veia neoplatonica de Agostinho, e defende-se que sua obra é uma forma cristianizada da obra de Plotino e de Platão, ou como outros defendem, que Agostinho apossa-se daquilo que lhe convém para explicar sua fé, e abre mão do não lhe é útil. Pesquisas sobre este assunto são raras em nossa língua, sendo insuficientes para responder às tantas duvidas que surjam ao por lado a lado as obras desses dois filósofos. De maneira que, ao debruçar-me sobre tal questão me proponho a uma análise do tema, como também espero sanar algumas dúvidas provenientes do confronto entre a mais notável tese proveniente da antiguidade tardia acerca do tempo, e a tão conhecida tese de Agostinho de Hipona.

É nesse contexto que se situa a pesquisa. Uma possível relação entre a obra de Plotino e Agostinho, e as conseqüências dessa relação. Questões que norteiam o trabalho são: Há uma relação clara entre as duas obras? Até que ponto Agostinho assume o pensamento de Plotino

em sua obra? As influências do platonismo na obra de Agostinho passaram por Plotino? Essas entre tantas outras questões serão tratadas de forma a buscar respostas, tendo como apoio os comentários presentes na bibliografia indicada.

Meu objetivo geral é definir em que pontos e momentos do texto de Agostinho, há a influência da tradição clássica, quer seja das obras dos diversos autores, ou especificamente de Plotino. E no caso da influência dos autores clássicos, se essa influência passa por Plotino.

O texto se divide em seções, a primeira será voltada à investigação e definição da teoria do tempo de Plotino e das fontes por ele utilizadas. Nesse primeiro bloco, não me dedicarei a uma análise profunda, dada a existência de vasta bibliografia sobre o tema. Entretanto, a utilização de determinados termos terá uma atenção especial, pois serão cruciais para o desenvolvimento das seções seguintes. A bibliografia básica dessa seção serão traduções da *Enéada* III, 7, principalmente a tradução espanhola de Jesús Igal, e a tradução brasileira de José Baracat.

A segunda seção constitui-se na breve apresentação da teoria agostiniana, na análise da obra à luz do neoplatonismo de Plotino. Grande parte dos comentadores citados na bibliografia refere-se a essa temática. Será de suma importância a questão da eternidade como diferente da atemporalidade, o salto que Agostinho executa, ao caracterizar o tempo como uma criatura de Deus, e não somente uma consequência ou acidente da natureza.



## Sumário

<b>Resumo .....</b>	<b>07</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>1ª Parte .....</b>	<b>14</b>
<b>2ª Parte .....</b>	<b>22</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>32</b>

## Introdução

### I

Estou convencido de que o Tempo tem sido ao longo da história da humanidade, um dos temas mais instigantes à mente humana, perdendo talvez somente para os questionamentos sobre o sentido da vida. Mas esta perda não é propriamente uma perda, pois pensar o tempo é pensar também a existência humana.

E não é por pouco que o Tempo tanto nos chama e prende atenção. Vimos desde os tempos antigos, nas mitologias tão conhecidas e naquelas que sequer deixaram vestígios após séculos de seu desaparecimento, menções à viagens no tempo, a ciclos contínuos de transformação e retorno, à seres imortais ou eternos. Predicamos a tais seres como deuses, superiores a nossa existência terrena, pois possuem aquilo que o homem deseja: a capacidade de resistir ao tempo. Mas o que há na eternidade que seduz a humanidade com tamanha força?

Essa fascinação nasce em primeiro lugar da busca do homem por uma resposta definitiva sobre sua existência. O homem sente-se angustiado ao ver o passar do tempo em sua vida. Quem nunca pegou-se a contemplar o caminho que já percorreu durante sua vida? As escolhas e atitudes que foram feitas ao longo desse trajeto? O homem sente-se impotente ao perceber que há algo intrínseco à sua existência que não está sob seu controle, e esse algo é a consequência última da existência no Tempo: a morte.

É a morte que perturba o espírito humano, pois se mostra a cada momento, seja nos ciclos de nascimento e morte na natureza que nos rodeia nas plantas que a cada ano lançam suas flores, produzem seus frutos e por fim secam, para que no próximo ano venham dar lugar à novas vidas que cumprirão o mesmo roteiro. Seja em si mesmo, quando enxerga-se como diferente daquele Eu de outrora, talvez diferente em personalidade, talvez com o surgimento de fraquezas e doenças, ou ao perceber a passagem do tempo através de sua aparência. Esta é uma questão de tamanha importância que nos leva a dominar o mundo através da compreensão e força, criando uma ciência para cada objeto possível de estudo e domínio, para por fim chegar aos limites materiais de nossa existência intelectual e corporal. Voltamo-nos agora aos microcosmos que velam os segredos de nossa concepção e formação, àquele universo que pode por fim responder a

tantas questões sobre como sentimos o mundo, e definir a cada indivíduo com tamanhas singularidades e desejos que o tornam único num universo de oito bilhões de seres humanos.

Este texto reúne algumas de minhas muitas reflexões sobre o tempo, em especial aquelas que surgiram em resposta à obra de Agostinho de Hipona em seu livro XI das *Confissões*. Iniciei esta pesquisa em meados do ano de 2009, por ocasião de uma disciplina ministrada pela professora Loraine de Fátima, que na época sugeriu este tema para o artigo final do semestre. Naquela época o enfoque da pesquisa era a compreensão da teoria de Agostinho a partir da Enéada III, 7 (45) - *Sobre a eternidade e o tempo* de Plotino, que possui claros paralelos com o texto do Livro XI. Adiei a atenção a este tema até recentemente, quando voltei-me à leitura da Enéada III, 8 (30) cujo tema/título é *Sobre a natureza, a contemplação e o uno*, e que contem a grosso modo, a sua compreensão cosmológica. Foi então que compreendi que a minha pesquisa não poderia somente fundamentar-se no tratado sobre o tempo, uma vez que este pressupõe a leitura e compreensão do tratado sobre a Natureza, e muito menos que poderia reduzir as raízes de Agostinho às Enéadas de Plotino. Há uma complexidade na formação dessa teoria acerca do tempo, e eu jamais a atingiria completamente em uma simples dissertação de graduação.

Se por muito tempo adiei esta compilação, não foi por não desejar expor minha compreensão e análise da tese de Agostinho, mas sim por não encontrar um modo de unir minhas reflexões sobre os tantos questionamentos e respostas expostas por esse grande filósofo em suas *Confissões*. Por fim, desejo que tenha alcançado um resultado satisfatório ao leitor, e que as páginas seguintes o ajudem a compreender esta tão bela e complexa teoria do tempo.

## II

Inumeráveis obras já foram compostas tendo como objetivo o comentário isolado da obra de cada autor. Há de citar algumas obras, que compõe a bibliografia básica dessa pesquisa.

O Dr. José Renivaldo Rufino, dedica-se a pesquisa acerca dos diversos aspectos e temas da obra de Agostinho de Hipona, e seus textos serão de grande valia na execução da pesquisa e compreensão de temas um tanto complexos sobre a concepção agostiniana de Tempo. Notadamente, o seu texto *Santo Agostinho e o tempo exterior à consciência* é um instrumento

facilitador para o entendimento da temática, dada a relação entre a percepção e a existência do tempo, crucial na obras dos dois autores. Outro texto a ser destacado é a sua tese de mestrado, intitulada *O tempo da consciência e a consciência do tempo no pensamento de Santo Agostinho*, onde o autor trata mais profundamente da questão da consciência e da percepção do tempo por parte do 'sujeito'.

Quanto a Plotino, há também uma vasta bibliografia, fato que até torna difícil eleger entre tantos textos, alguns poucos para figurar como bibliografia básica dessa pesquisa. No ensaio *O tempo na terceira Enéada de Plotino*, Daniel Schiochett disserta sobre a temática, propondo em Plotino a união dos dois maiores conceitos antigos de tempo:

*Plotino, ao seu modo, consegue reinterpretar e adequar a noção aristotélica do tempo à concepção de mundo platônica. O tempo, para Plotino, por um lado, permanece referido ao movimento, concordando com Aristóteles, e por outro, é imagem de uma outra forma mais perfeita, a eternidade, concordando com a divisão do mundo em sensível e supra-sensível de Platão.<sup>1</sup>*

Sendo portanto, a Enéada III, 7. a síntese das teorias gregas sobre o tempo, Plotino vai além, pois não só confronta as duas teorias da antiguidade, mas também discute o tema e propõe novas afirmações. Dessa forma, em continuidade ao que Schiochett propõe, minha tese é que Agostinho figure no desenvolvimento da filosofia, não somente como um reproduzidor das idéias surgidas na alta antiguidade e na antiguidade tardia, tampouco como um gênio que criou, *ex nihilo*, toda a sua obra filosófica. Defendo que Agostinho tem fortes raízes, não somente na obra neoplatônica de Plotino, como também, mesmo que indiretamente, na obra de Aristóteles, Platão e de toda a tradição grega, e que, assim como Plotino, Agostinho sintetiza o pensamento anterior a sua obra, utilizando-se dele como ponto de partida para suas discussões e teses.

Por ultimo, vale lembrar as duas coletâneas que certamente serão utilizadas integralmente. A primeira é *Tempo e eternidade na Idade Média*, organizada por Ter Reegen, De Boni e Marcos

---

<sup>1</sup>SCHIOCHETT, Daniel; **O tempo na terceira Enéada de Plotino**, PERI, v. 01, n. 01, 2009. p. 11-20.

Roberto Costa, 2007. Que se propõe a ser um panorama geral das teorias sobre o tempo na era medieval; e também *Tempo e Razão: 1600 anos das Confissões de Santo Agostinho*, organizada por Pelayo Moreno Palacios, 2002, servindo vários textos sobre os mais diversos aspectos da teoria de tempo de Agostinho, entre eles o já citado artigo de Rufino, *Santo Agostinho e o tempo exterior à consciência*.

**1ª Parte**

## I

Como primeiro passo, é necessário que se faça uma breve passagem pela trajetória de vida dos dois autores, para melhor compreender a relação de proximidade intelectual e geográfica em que viveram. Não me aprofundarei neste retorno histórico, dando ênfase somente naquilo que será importante aos fins dessa investigação.

Plotino, nascido em Licópolis, no Egito, viveu no século III, entre os anos 204-270. Aos vinte e oito anos de idade passa a freqüentar, em Alexandria, aulas de filosofia de Amônio Sacas, atividade que mantém por onze anos. Impulsionado pelo desejo de conhecer a filosofia dos orientais, viajou à Pérsia junto a Gordiano, imperador romano, de onde escapou com vida após sua expedição ser derrotada, de lá parte para Antioquia, onde passa um breve tempo. Dirige-se então à Roma, onde funda sua Escola e lá permanece o restante de sua vida. Após vinte e um anos de residência em Roma conhece Porfírio, discípulo que seria o responsável por compilar sua obra nos moldes que conhecemos hoje. Plotino falece no ano de 270, aos sessenta e seis anos de idade, deixando seus diversos tratados confiados a seus discípulos. Em 301, Porfírio finaliza o trabalho de compilação da primeira versão da *Vida de Plotino* e das *Eneáadas*.

Agostinho viveu no século IV, tendo nascido no ano 354 na cidade de Tagaste, na Numídia (território da Argélia atual). Filho de pai pagão e mãe, Mônica, cristã. É de sua mãe que recebe os primeiros ensinamentos do cristianismo. Agostinho passou sua juventude em itinerância, motivada em parte por seu desejo de conhecimento e em busca por um sentido para sua existência, vive desde cedo uma angustia por responder às diversas questões existenciais. Encontra as respostas que busca primeiramente na obra de Cícero, após impressionar-se com a leitura do *Hortensius* e depois nos escritos de Mani, fundador da seita conhecida como Maniqueísmo. Por volta do ano 374, viaja para Roma, seguindo o conselho de amigos. Permanece lá por pouco tempo e parte para Milão, onde em pouco tempo alcança o cargo de professor de retórica e conhece o bispo Ambrósio, que será fundamental pra sua conversão ao cristianismo. A partir desse encontro, volta-se para o estudo do Cristianismo, e utiliza todo o conhecimento adquirido até então para a compreensão de sua nova religião. Morre no ano 430 aos setenta e seis anos de idade, em Hipona (território da atual Argélia).

O caminho desses dois autores é bem diverso entre si, assim como seus objetivos e resultados alcançados ao longo da vida. Plotino é um exemplo forte do modelo de filosofia que comumente é classificado como filosofia antiga, seu objetivo em conhecer a filosofia oriental serviu como reforço à busca de uma cosmologia mística, que se mostra em vários de seus tratados, com ênfase no tratado *Sobre a natureza, a contemplação e o uno* (III. 8) e o tratado sobre *Como o Intelecto nasce do Uno* (V. 4). Essa busca mística parece ser resultado das impressões pessoais de Plotino e da influência da reconstrução do Platonismo por seu mestre *Amônio Sacas*, a quem segundo Caballero, se deve o real crédito da recuperação e reconstrução do Platonismo<sup>2</sup>.

Há nos trajetos dos dois filósofos tanto a proximidade geográfica, pois ambos viveram no mesmo ambiente, são provenientes de uma mesma região, e encontram-se imersos numa mesma cultura; quanto à proximidade cultural e intelectual, uma vez que se utilizaram de fontes comuns, textos das escolas gregas foram próximos de ambos os autores. As questões filosóficas daquele tempo são claramente o pano de fundo nas obras dos dois, assim como há também divergências em alguns momentos. O que há de se notar nesta análise histórica é que as atividades intelectuais de Plotino se deram majoritariamente em Roma, onde localizava-se sua Escola. Foi em Roma que seus tratados foram escritos, e lá iniciou-se sua compilação por seu discípulo Porfírio, em conjunto com a biografia. É neste mesmo ambiente que vemos o florescer intelectual de Agostinho, onde também se desenrola a atividade de professor dele. O tempo transcorrido entre a data de morte de Plotino e o início dos estudos de Agostinho é de cerca de um século, mas a data de compilação das obras por Porfírio é bem mais tardia, cerca de 50 anos antes do nascimento de Agostinho, período de tempo suficiente para a popularização dos escritos de Plotino segundo a compilação de seu discípulo. Há de se notar que o conceito de ‘publicação’ é diferente para aquela época. Apesar da compilação dos textos por Porfírio ser finalizada em data mais recente, os escritos avulsos já circulavam por aquela região até mesmo através da oralidade. Dada esta coincidência de locais de vivência e os interesses filosóficos entre os dois autores, parece muito provável que não só Agostinho conviveu com os continuadores da Escola de Plotino, como também leu a compilação das *Enéadas*, e pode discutir tais idéias com seus continuadores diretos.

---

<sup>2</sup> CABALLERO, Alexandre; **A filosofia através dos textos**, Cultrix, 1994. p. 75



## II

Pensar o tempo é pensar antes de tudo o que é o mundo, e esta é a certeza que me acompanha durante esta pesquisa: toda teoria do tempo exige para si uma teoria acerca do mundo tangível e intangível, bem como também uma compreensão da relação entre a temporalidade e o modo como o mundo se dá.

É cabível afirmar tal relação de interdependência, e ir além desta simples enunciação. Mas qual são suas implicações para a construção de ambas as teorias? E ainda, como iniciar a elaboração de uma teoria acerca do mundo, se antes dependemos de uma teoria do tempo para fundamentá-la, e esta por sua vez pressupõe um modelo de mundo já estabelecido? Tais perguntas certamente podem ser levadas a fundo. O que nos interessa:

Em primeiro, não há como levar a frente uma teoria sobre o tempo sem que se possua qualquer modelo de mundo, mesmo que este seja ingênuo e simplista. Do mesmo modo o inverso não se realiza: é necessário ter ao menos uma compreensão mínima do tempo para que se construa um modelo de explicação do tempo. Estamos em um dilema? Jamais! Pois nenhuma destas duas teorias inicia-se em primeiro lugar, em um momento primeiro, para que após este momento inicie-se a elaboração da outra, ambas nascem no mesmo instante, dado que não há modo de tratar sobre qualquer característica do mundo que habitamos sem que no mesmo instante, mesmo que inconscientemente, se dê os parâmetros da temporalidade da realidade tratada, até mesmo um autor ao criar o seu mundo fictício e narrar suas características na introdução de um livro já nos fornece as informações necessárias para que se forme em nosso imaginário as condições daquele mundo. Talvez isto soe um tanto estranho. Há de se simplificar, e podemos enunciar desta forma: Qualquer mente que venha a observar o mundo e por fim enuncie algo sobre ele, só será compreendido caso o ouvinte possua o mesmo modelo de tempo que o ser enunciante, caso contrário é preciso que se explique a temporalidade que se pretende. Desta forma, se digo que o mundo é algo transitório, ou que as coisas são passíveis de mudança, não estou nestas frases enunciando somente as características que percebo no mundo que me cerca, neste caso que os corpos tendem a mudar e transformar-se, ou até mesmo que as pessoas em sua mente sofrem mudanças, mas também algo acerca do modo como o tempo se dá no mundo, a saber, neste caso, que o mundo está imerso em temporalidade e, portanto modifica-se com o desenrolar do tempo.

Uma vez que determinada hipótese defenda, por exemplo, que o mundo formou-se derivando da matéria já existente no universo para engendrar-se como um planeta, estaria explicando o modo como o mundo foi formado, mas não explicaria o tempo. Mas se por outro lado esta mesma teoria demonstre os primórdios desde universo onde o mundo esta contido, então esta teoria cosmológica nos dá também a origem do tempo, pois o mundo surge junto do tempo.

A partir disto que foi dito, chegamos ao segundo ponto de interesse na relação cosmologia-tempo: a interdependência entre ambas as teorias. É possível dizer que uma teoria depende da outra para subsistir, tendo em vista que surgem no mesmo instante, e durante todo o processo de experiência do individuo com o mundo, quer seja tangível quanto intangível, o tempo se faz fator crucial para entender o que se experimenta, e do mesmo modo necessitamos de um mundo para nele observar o tempo. É possível afirmar que, ambas as teorias são na verdade uma só, mas tal afirmação me parece apressada e descuidada. Vejamos que apesar da interdependência e do inicio lógico simultâneo, temos dois campos diferentes. Se por um lado o tempo é componente do mundo físico e portanto pertencente ao campo da cosmologia, por outro ele é também um fenômeno da mente, e portanto não se restringe unicamente ao mundo tangível. A afirmação de unidade da cosmologia com a sua correspondente teoria do tempo só torna-se possível se a primeira não abarca tanto o mundo físico, como também explica os modos de percepção que a mente daquele que a enuncia possui.

Há inúmeros outros fatores passíveis de apontamento, e certamente torna-se complexo imaginar todas as implicações desta íntima relação.

Pois bem, se qualquer teoria do tempo que pretenda ser minimamente aceita ou compreendida deve conter em si uma explicação do mundo, parece-me que o inverso também se faz necessário. Ora, seria possível apreender algo sobre o mundo sem que se considere anteriormente uma compreensão mínima do tempo? Ou ainda, uma explicação sobre ele?

Quando enuncio algo sobre o mundo, de modo que desejo explicar o modelo de mundo que me parece válido, o faço tendo a esperança de que a minha compreensão do tempo seja a mesma do meu ouvinte, de contrário não serei entendido.

Em resumo, toda e qualquer teoria do tempo depende de uma cosmologia, de um modelo de mundo, de sua criação e funcionamento, que é intrínseca à teoria de tempo defendida pelo autor. Isto é fundamental a qualquer modelo de explicação da temporalidade, visto que é necessário um fundamento para a teoria e suas conseqüências práticas no mundo sensível e cognoscível. Ora, é claro que uma teoria do tempo surge como tentativa de explicação da realidade material em que um autor se encontra, portanto determinada cosmologia não serve primariamente como um apoio a certa teoria do tempo, ele é o fundamento, o ponto de partida para as observações, questionamentos e elaboração de quaisquer teorias filosóficas. Em outras palavras, é necessário um modelo de funcionamento do mundo para que se possa, a partir dele, partir para a explicação do modo como o tempo colabora para tal funcionamento e como, na formação do mundo tangível e intangível, surge o tempo.

### III

Dada a relação já explicitada, necessitamos compreender em primeiro lugar o modelo de mundo defendido por Plotino. Ele, ao iniciar seu tratado sobre o tempo, demonstra uma série de pressupostos teóricos, que se não bem entendidos, podem gerar diversos problemas na compreensão do tratado. Estas teorias necessárias ao bom entendimento estão contidas ao longo da obra do filósofo, nos tratados cronologicamente anteriores àquele que versa sobre o tempo e a eternidade, concentrando-se em grande maioria na *Enéada III, 8 [30]*<sup>3</sup>, onde Plotino expõe o seu entendimento sobre o mundo e o cosmos.

A dificuldade de compreensão da obra de Plotino é majoritariamente a linguagem empregada por ele e o estilo de escrita adotado. Seu texto denso torna a leitura trabalhosa e muitas vezes cansativa, tendo em vista ser freqüentemente necessário retomar trechos anteriores à leitura para compreender o que se está sendo tratado, e por muitas vezes o texto torna-se labiríntico quanto às posições do autor. Outro obstáculo que se apresenta é a fragmentação das idéias ontológicas/cosmológicas em diversos tratados, apresentando a doutrina de Plotino direta e indiretamente. Um bom exemplo é o tratado quatro da quinta Enéada que trata da questão do

---

<sup>3</sup> Na tradução de Baracat, este tratado recebe o título *Sobre a natureza, a contemplação e o uno*, mas o tradutor ressalta que este tratado pode também ter como título *Sobre a Contemplação*. (Enéada III, 8)

engendramento da segunda Hipóstase, o Intelecto, enquanto encontramos a continuação da cosmologia no oitavo tratado da terceira Enéada, cujo título é mais abrangente: A contemplação.

Uma explicação sobre toda a obra seria demasiada longa para os fins desta pesquisa. Assim podemos tomar de forma mais simplista a doutrina de Plotino, como também tornar foco deste texto somente o tratado *Sobre a Contemplação*.

O tratado *III, 8* se inicia com uma introdução à questão a que se dedica: A natureza existe, mas como se dá essa natureza? Quais são as razões para sua existência? O início da investigação filosófica se dá através do levantamento de questões, e logo Plotino responde às primeiras questões, utilizando de seus argumentos extremamente arraigados na filosofia de Platão e Aristóteles. Sua explicação é simples: As coisas nos parecem ser de determinado modo, por conta da contemplação que temos do mundo, da matéria que a compõe. Se algo nos parece possuir a forma de um urso, essa impressão nos é possível apenas por nossa contemplação. É, portanto, a matéria de estudo da cosmologia de Plotino o mundo físico. Em suas palavras, ao falar do mundo, voltamos nosso discurso para a natureza em si, *a terra, as arvores e plantas em geral*<sup>4</sup> e para o resultado da contemplação deles.

Não há nas coisas algo permanente, e é necessário perceber essa característica do mundo, pois a Plotino parece ser erro comum perceber a criação da natureza – entenda-se criação num sentido primordial, de início do mundo – como se percebe a criação de um artesão ou escultor que cria sua obra, dando-lhe forma e cor, mas não é ele – o artesão – que cria a matéria que informa, muito menos as cores que ela possui<sup>5</sup>. Então o que há na natureza que seja imóvel, ou que permanece além daquilo que é ação criativa do homem, ou intenção sob essa matéria que é fundamento da natureza? A resposta poderá ser que aquilo que está imóvel é a Razão<sup>6</sup>, pois assim diriam os estóicos<sup>7</sup>, mas a razão é doadora de sentido à Natureza, e ela – a natureza – ao dar forma àquilo que produz, torna-se também razão. Conclui Plotino, que a razão que produz aquilo que é visível é morta e incapaz de produzir qualquer outra coisa, mas existe outra Razão, superior

---

<sup>4</sup> Enéada III, 8 [30]. 1

<sup>5</sup> Enéada III, 8 [30]. 2

<sup>6</sup> *Lógos*

<sup>7</sup> Enéada III, 8 [30]. 2 (Nota nº 1827)

à primeira, que é aquela que possui vida e capacidade para gerar os entes. A compreensão deste pensamento é a chave para a compreensão de toda a ontologia do filósofo.

Plotino é nomeado entre os comentadores e historiadores da filosofia como o maior expoente da escola neoplatônica, e este título é justo até certo ponto. Sua filosofia em verdade se baseia nos escritos de Platão, assim também a sua cosmologia/ontologia possui suas bases na escola platônica, mas há também grande influência do seu período de estudos da mística oriental. Assim a filosofia, e toda a construção do cosmos segundo Plotino tem suas bases numa versão mística do pensamento platônico, ou propriamente, é uma releitura que mantém os pilares clássicos, preenchendo os espaços vazios com a sua filosofia ‘orientalizada’. Podemos enfim compreender o que Plotino pretende.

O filósofo propõe a existência de três hipóstases: o Uno, o Intelecto e a Alma. Sobre a primeira hipóstase nada pode ser dito, pois é o Supremo, o primeiro, aquele que simplesmente existe e nada conhece. A segunda hipóstase, o Intelecto surge do Uno. O modo como isto se dá e por qual razão acontece não é respondido por Plotino, sabemos porém como é o Intelecto em si mesmo. Ele é o pensamento que pensa a si mesmo, que contempla a si, mas esta vazia de alteridade, não possui significado, assim o Intelecto volta-se para fora de si, e encontra o Uno, aquele que é superior, perfeito e o contempla, se enriquece de significado e alteridade, pois esta voltado para o que é mais perfeito que ele. Desta contemplação engendra seu conteúdo, que é o mundo inteligível, o mundo das idéias de Platão.

Mas o Intelecto, que contempla a si e ao uno eterna e simultaneamente, engendra através do contemplar a terceira hipóstase, a Alma. Esta por sua vez age conforme as hipóstases superiores, e contempla aquele que lhe é superior, o Intelecto, engendrando todos os entes do mundo sensível. Assim, o mundo sensível é gerado como um reflexo do mundo inteligível, e os entes sensíveis são apenas reflexos dos entes do mundo inteligível. Em suma, para Plotino todas as realidades, inteligível e sensível, surgem através da contemplação.

## **2ª Parte**

## I

Dedicaremos-nos agora ao sétimo tratado da terceira Enéada, que versa propriamente sobre a questão tempo. Nele é marcante a determinação e influências do tratado *Sobre a natureza, a contemplação e o uno [III.8]* que como vimos, expõe o entendimento epistemológico e cosmológico de Plotino, ou seja, o conhecimento sobre as coisas do mundo se dá pela contemplação, e é a própria contemplação que gera o mundo tangível.

Apesar de toda a extensão do tratado sobre o tempo, que se divide em treze partes, ao longo da maior parte do texto Plotino dedica-se a comentar as teorias que já haviam sido expostas até então, passando por pensadores como Heráclito representado pela figura das Musas, citando o diálogo Timeu de Platão assim como a teoria do tempo de Aristóteles. O filósofo trata as teorias de seus predecessores uma a uma, refutando o que lhe parece não explicar o tempo, ou ser somente um engano na tentativa de responder a pergunta do que é o tempo. É somente a partir da décima primeira parte, o início do último bloco de seu tratado, que Plotino parte para a apresentação de seu pensamento sobre o tempo, e principalmente, a utilizar as idéias remanescentes do processo de comentário e refutação que se deu durante as primeiras partes do tratado. Sobre isto comenta Baracat em nota à sua tradução das Enéadas.

*Esta é a passagem em que Plotino explicita mais claramente seu método de trabalho: nossa noção pré-filosófica de uma questão deve buscar o apoio dos sábios que sobre ela se debruçaram; contudo, a análise desses sábios antigos não é o ponto final; sua opinião não é, necessariamente, a verdade (ou, pelo menos, toda a verdade). A partir deles, devemos inquirir por nós mesmos, para alcançarmos com nossos próprios olhos o vislumbre da verdade.<sup>8</sup>*

Este método em muito lembra aquele utilizado pelos pensadores cristãos medievais. Estes tinham por costume iniciar seus argumentos demonstrando a posição contrária àquela que realmente almejavam defender. Assim, ao expor e defender a posição contrária ao que defendiam em verdade podiam compreender seus opositores antes que se lançassem à crítica destas posições. Certamente este é um ponto importante na relação de influência no pensamento de Agostinho, e será tratado por mim mais a frente.

---

<sup>8</sup> Enéada III, 7 [45]. 1 (Nota nº 4)

O tratado sobre o tempo tem início com a proposição de questões por Plotino, de modo a demonstrar a questão fundamental em sua construção do conceito de tempo, a saber, que o processo de entendimento do tempo necessita antes que nos voltemos àquilo que lhe é anterior, ou aquele lugar ou ser de onde provém o tempo. Para Plotino este lugar é a eternidade, pois dela o tempo se origina através de um complexo processo que só será propriamente demonstrado ao longo de seu tratado.

Seu argumento inicia-se com a seguinte afirmação:

*E devemos primeiro inquirir acerca da eternidade: o que pensam que ela é, aqueles que a consideram diferente do tempo? Pois, uma vez conhecido o que se estabelece como paradigma, talvez se torne claro o que é sua imagem, que dizem ser o tempo.<sup>9</sup>*

Esta reflexão se faz por influência direta das palavras de Platão em seu diálogo Timeu onde o filósofo explica os motivos do ser criador do mundo, o Demiurgo, tê-lo feito da maneira que o fez, de forma que o mundo sensível é uma imagem eterna, porém que possui um início e esta sujeito a movimentar-se e por consequência a mudança, diferenciando-se assim da eternidade, que é sempre constante, imutável e estática. Este é o trecho da obra de Platão:

*“ele [o demiurgo] planejava fazer uma imagem móvel da eternidade e, ao mesmo tempo em que organiza o céu, da eternidade que permanece em unidade faz uma imagem eterna que avança segundo o número.”<sup>10</sup>*

Sobre esta passagem do Timeu, Baracat comenta que *poderia ser considerada uma brilhante e inventiva exegese dessas crípticas linhas<sup>11</sup>*.

Voltando-nos a este trecho inicial e tratando-o como um todo onde temos primordialmente a apresentação do pensamento da tradição sobre o tempo e a argumentação em defesa de alguns aspectos desse pensamento em conjunto com a refutação de diversos argumentos, podemos frisar aspectos cruciais na evolução do argumento.

---

<sup>9</sup> III, 7 (45) 1

<sup>10</sup> Timeu 37 d 5-7

<sup>11</sup> III, 7 [45]. 1 (Nota nº 5)



## II

A relação de contemplação se faz importante aqui. Uma vez que o Intelecto engendra os entes do mundo inteligível através da contemplação do Uno e compreende-se que a Eternidade esteja junto ao Intelecto, a Alma ao engendrar os entes sensíveis, como imagem daquilo que contempla no Intelecto, engendra também a uma imagem da Eternidade. Assim, antes de prosseguir, é preciso que se mantenha viva esta relação de correspondência entre inteligível e sensível.

Pois se tal relação se sustenta, devemos, portanto compreender a Eternidade em primeiro lugar, para que através desta compreensão alcancemos o entendimento da Temporalidade. Não é em vão e sem justificativa que Plotino inicia assim sua pesquisa. Sua cosmologia impõe esta necessidade.

No trecho inicial da argumentação parece confundir-se um pouco o que Plotino deseja defender, com as posições que busca refutar. Entre as inúmeras páginas em que argumenta, pode-se perceber que sua intenção é utilizar a oposição complementar entre os dois mundos – o sensível e o inteligível - como ponto de partida para a explicação da gênese do Tempo.

Plotino apresenta, através do discurso de muitos de seus contemporâneos, o fato de o mundo inteligível e a eternidade se assemelham em diversos aspectos e essa compreensão ser aceita facilmente, mas ressalta que tal semelhança pode ser enganadora. Se aceitamos que ambas são de uma natureza diferente daquela natureza sensível, da mesma forma como Platão já apresenta o mundo das idéias como algo diferente do mundo dos sentidos, temos forçosamente que concordar que este primeiro mundo – inteligível – é superior ao segundo, pois não há quem afirme ser a eternidade inferior a temporalidade.

Se não há identificação entre a Eternidade e o Intelecto, isso se dá por motivo simples. Apesar de ambos conterem as mesmas coisas<sup>12</sup>, quando predicamos a algo que se encontra no mundo inteligível, um ente engendrado pelo Intelecto, que este é eterno, dizemos que a Eternidade é diferente deste ente, e que, portanto é diferente do Intelecto.

---

<sup>12</sup> III, 7 [45]. 2

Há de se frisar a recusa de Plotino em identificar a Eternidade com o Repouso, uma vez que expressa diversas vezes no texto sua identificação da Eternidade como “*a vida própria ao ente em seu ser, toda completamente plena e inteiramente inextensa*”<sup>13</sup>, estas características são predicados da Eternidade, pois ela é uma vida que permanece em identidade, e não em partes, uma agora e outra posterior, a eternidade possui uma identidade simultânea e perpetua, é inextensa pois não deve assemelhar-se ao tempo, que possui extensão. O repouso não possui em si nem a inextensão, nem a noção de unidade, portanto não é idêntico a Eternidade. Sobre isso comenta Baracat nota à sua tradução:

*Plotino entende a expressão platônica num sentido distinto do original: se para Platão a eternidade permanece em unidade porque se opõe à distensão do tempo, para Plotino ela permanece no uno, ou seja, ao redor do primeiro princípio, uma vez que é concebida como a vida do intelecto.*<sup>14</sup>

A potencialidade dos seres, o devir, é uma característica intrínseca ao ser. Este desejo de ser é que cria o movimento da Alma, ansiosa por ser como aquele que contempla, assim os entes que engendram são ansiosos por atingirem esse ser. Este predicado ‘será’ é natural das coisas do mundo sensível, que estão sempre em busca de cumprir este anseio, mas não cabe às coisas do mundo inteligível, que são perpetuamente as mesmas, sem mover-se em direção à outro estado de existência, neles *não há anseio pelo porvir: já são totalidade e possuem todo o viver que lhes é oferecido*<sup>15</sup>, esta é a definição do ser eterno de Plotino.

*A perpetuidade será, por sua vez, esse determinado estado do substrato, que provém dele e que existe nele, ao passo que a eternidade será o substrato acompanhado desse estado determinado que nele se revela*<sup>16</sup>.

Por fim surge o conceito de perpetuidade, com o qual o filósofo explica um último atributo da Eternidade em relação a sua não identificação com o repouso. Este conceito já foi exposto anteriormente pelo filósofo, quando defende o mundo inteligível como um todo, que se encontra em eterno ser, imutável. É este ser que reúne e apresenta todas suas partes num mesmo momento,

<sup>13</sup> III, 7 [45]. 3 (Nota nº 22) - Esta definição de eternidade é muito semelhante à definição que Boécio formulará mais tarde em sua *Consolação da Filosofia*;

<sup>14</sup> III, 7 [45]. 6 (Nota nº 35)

<sup>15</sup> III, 7 [45]. 4

<sup>16</sup> III, 7 [45]. 5

o expositor da perpetuidade. Assim, a Eternidade não identifica-se totalmente com a perpetuidade, mas nela encontra conteúdo e necessidade dela para ser.

Em suma, Plotino define a Eternidade como a vida do Intelecto, uma vida toda em si, junta, em repouso, perpetua, ressaltando a não identificação da Eternidade com a perpetuidade e o repouso, de forma que estes predicados se aplicam a ela, mas não a delimitam.

### III

Voltando nossa atenção finalmente para a resposta de Plotino para o que é o tempo. Esta questão já foi respondida indiretamente através do texto que precede a esta seção, e até mesmo através da ontologia já podíamos ver a noção de temporalidade proposta nela.

A explicação de Plotino já era prevista. Ele utiliza as três hipóstases e a relação de ‘geração’ através da contemplação para conduzir a gênese do tempo. O bloco final do tratado é destinado à sua apresentação desta gênese. Tem início com a indicação da direção que devemos tomar para encontrar a resposta que buscamos. Plotino escreve:

*É preciso, portanto, elevarmo-nos a nós mesmos àquela disposição que dizíamos existir na eternidade, aquela vida plácida, toda junta, já infinita, completamente indeclinável e estabelecida no uno e ao uno dirigida.<sup>17</sup>*

Devemos, portanto nos voltar para o Intelecto e para a Eternidade, que é a vida em repouso, para que possamos alcançar a compreensão da temporalidade.

O tempo é, então, a imagem gerada pela Alma (do mundo) ao contemplar a Eternidade que está junto do Intelecto. Em um contexto platônico, podemos simplificar esta compreensão, a Eternidade é a idéia perfeita que se encontra no mundo inteligível, esta idéia é contemplada pela Alma do mundo, que engendra todos os entes do mundo sensível. A Alma então cria esta imagem

---

<sup>17</sup> III, 7 [45]. 11

da idéia perfeita, mas *ao contrario do agir simultâneo do Intelecto, a Alma cria uma coisa depois da outra, criando assim a sucessão*<sup>18</sup>.

Uma vez que definimos o que é o tempo para Plotino, podemos seguir em seus questionamentos e comentários sobre o entendimento da tradição sobre o tempo. A busca se estende então sobre a questão da mensuração do tempo. Já que ele é movimento, como medir então tal movimento? Esse questionamento é pertinente, apesar de Plotino não concordar que o tempo se resume ao movimento, em suas palavras:

*“Se, então o tempo for esse tipo de medida, haver-se-á dito de que coisas ele o é, de movimentos, mas não ainda o que é ele mesmo.”*<sup>19</sup>

A natureza do tempo é entendida de forma diversa ao que é senso comum. O tempo tem um início, é gerado pela Alma em determinado momento, mas não possui um fim, existe, portanto perpetuamente, é infinito. Mas se o tempo é algo infinito pode então haver um número que o mesure?

*“Todavia, como o tempo existe e é considerado infinito, como poderia haver um número intrínseco a ele?”*<sup>20</sup>

Esta primeira seção do texto sobre o tempo, a décima parte, serve como um elo entre a argumentação sobre os dois temas e é ainda nesse capítulo que Plotino esboça já a idéia da gênese do tempo através da Alma, e finaliza propondo a tese de que é a Alma que dá a magnitude para a mensuração do tempo. O décimo capítulo serve como preparação para a apresentação das idéias de Plotino nos capítulos onze e doze. É nele que se encerra a parte ‘histórica’, onde foi comentada o que a tradição diz sobre o tempo.

*“Muitas coisas foram ditas por muitos predecessores nossos conforme cada uma de suas teses, e se alguém as percorrer, estará fazendo mais propriamente história.”*<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *Sobre o Uno e o Múltiplo em Plotino*

<sup>19</sup> III, 7 (45) 9

<sup>20</sup> III, 7 (45) 9

<sup>21</sup> III, 7 (45) 10

Plotino demonstra sua necessidade em dizer algo novo, além de repetir e comentar aquilo que seus predecessores já disseram sobre o tempo. Essa passagem se demonstra através de seu texto, ao fim da seção dez, e desde esse trecho seu foco muda-se para o seu próprio pensamento.

*“Seria coerente dizer o que se deve pensar que é o tempo.”*<sup>22</sup>

A seção onze dá início à apresentação da posição de Plotino sobre o que é o tempo. Ele inaugura sua apresentação mostrando como se dava a eternidade antes do surgimento do tempo. Esse trecho guarda grandes semelhanças com a explicação de Agostinho à questão ‘o que fazia Deus antes do tempo?’.

É o desejo sempre existente na Alma de engendrar e buscar tornar-se como o Intelecto, que surge o mundo sensível, e simultaneamente, o tempo. Esta ligação do movimento da Alma com o tempo é essencial, pois é dentro da alma do mundo, que abarca todo o universo sensível, que se dá o tempo, e é por esse motivo que o mundo sensível está propício às leis do tempo.

*“Uma vez que este universo se movia na Alma – visto não haver outro lugar além dela para este universo – ele também se movia no tempo dela”.*<sup>23</sup>

Este trecho do tratado termina com uma referência ao Timeu de Platão e à idéia do tempo como imagem da eternidade, assim como dá outras relações de semelhança entre o mundo inteligível e o mundo sensível.

*“Pois, se a eternidade é vida em repouso, em identidade, invariável e já infinita, se é preciso que o tempo seja a imagem da eternidade, assim como este universo em relação àquele, é preciso dizer que o tempo é, em vez da vida de lá, uma outra vida como que homônima, que é a dessa potência da Alma, e, em vez do movimento inteligível, o movimento de uma parte da Alma.”*<sup>24</sup>

A este movimento da Alma Plotino chama Tempo. É este movimento que dá início e tem início simultâneo ao surgir do mundo sensível. Ambos têm início coincidente e estão unidos, lado

---

<sup>22</sup> III, 7 (45) 10

<sup>23</sup> III, 7 (45) 11

<sup>24</sup> III, 7 (45) 11

a lado. Na seção doze temos a confirmação disto, a afirmação da gênese do tempo e do mundo simultânea a separação da Alma e do Intelecto.

*“Por isso também se disse, que o tempo e este universo foram engendrados simultaneamente, porque a Alma o engendrou junto com este universo. Por esse tipo de atividade, este universo também foi engendrado: e essa atividade é o tempo, ao passo que o universo está no tempo.”*<sup>25</sup>

Há também uma referencia ao diálogo *Timeu*<sup>26</sup>, que corrobora tal visão. Este apoio em Platão é freqüente ao longo do tratado, principalmente utilizando-se deste diálogo para fundamentar as opiniões de Plotino. Assim é de esperar que por fim Plotino exponha a visão platônica da criação do movimento dos astros, como medida do tempo, mas não como o tempo mesmo.

*“Pois como não era possível, para a Alma, limitar o tempo em si mesmo nem, para os homens, sobretudo quando não sabiam contar, medir por si mesmos cada parte dele por ser ele invisível e não apreensível, ele faz o dia e a noite, através dos quais era possível, pela diferença, conceber o numero dois e, a partir disso, diz ele, a noção de número. Em seguida, tomando a duração entre uma aurora e outra, foi possível obter uma quantidade da distensão do tempo, uma vez que a forma do movimento em que nos baseamos é uniforme, e nós usamos tal quantidade como medida; mas uma medida de tempo, porque o tempo mesmo não é uma medida.”*<sup>27</sup>

O movimento quer seja o movimento dos astros, o movimento dos seres sensíveis ou de qualquer outra natureza, não é o tempo, mas participa dele. Esta relação é semelhante aquela entre a Eternidade, a unidade, o repouso e a perpetuidade. Se o movimento não é o próprio tempo, muito menos é esse movimento que cria o tempo.

*“Portanto, o que se medido pela rotação – isto é, que é evidenciado – será o tempo, não engendrado pela rotação, mas evidenciado; e assim, ele é medida do movimento no sentido de ser medido por um movimento delimitado e*

---

<sup>25</sup> III, 7 (45) 12

<sup>26</sup> Platão, *Timeu* 38 b 6: “O tempo nasceu junto com o céu”.

<sup>27</sup> III, 7 (45) 12

*ser por medido como diferente dele; por que, se como mensurante era distinto, também enquanto mensurado será diferente, mas mensurado acidentalmente.”*

<sup>28</sup>

Enfim, Plotino identifica o tempo com movimento, não o movimento de seres sensíveis, mas propriamente o movimento da terceira hipóstase, a Alma. É possível tal identificação pois este movimento não é um movimento físico, mas sim um movimento ontológico, é o movimento de engendramento do mundo sensível pela Alma, a própria vida do mundo dos sentidos.

---

<sup>28</sup> III, 7 (45) 12

## BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo; *Confissões*, Tradução por J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrosio de Pina, S.J. São Paulo, Nova Cultura, 2000.

\_\_\_\_\_. *As confissões*. Edição bilíngüe. Tradução e notas: Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Introdução de Manuel Barbosa de Costa Freitas. Notas de âmbito filosófico de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da moeda, 2000.

\_\_\_\_\_. *A cidade de Deus (contra os Pagãos)* (2 vol.). Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes e Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. *Soliloquios*. Tradução e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.

\_\_\_\_\_. *Soliloquiorum libri duo, in: BAC*, tomo I, 3ª Ed., introdução e tradução em espanhol por P. Victorino Capanaga, ORSA., Madri, 1957.

PLOTINO, *Enéada III. 7 [45]*, Tradução por José Baracat Júnior, UFRGS

\_\_\_\_\_. *Enéada III. 8 [ ]*, Tradução por José Baracat Júnior, UFRGS

ARISTOTELES. *Física, livros I e II*, São Paulo, Unicamp, 2009.

CIRNE-LIMA, Carlos. *Sobre o Uno e o Múltiplo em Plotino*. In: SOUZA, D. G. (Org.). In: *Amor scientiae: Festschrift em homenagem a Reinholdo Aloysio Ullmann*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 79-109.

CLARK, G; The theory of time in Plotinus. *The Philosophical Review*. New York. v.53, n. 04, jul.1944.

EVANS, G.R. *Agostinho sobre o mal*. Tradução de João Rezende Costa. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.



FOLSCHEID, Dominique. WUNENBURGUER, Jean-Jacques; *Metodologia Filosófica*, Tradução por Paulo Neves. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*, Tradução de Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *O espírito da filosofia medieval*, Tradução de Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ILLESCAS, Dolores; *Pensar el tiempo desde la eternidad*. Revista de Filosofia, Universidad Iberoamericana. Cidade do México. v.31, n. 92, mai-ago.1998.

PALACIOS, Pelayo Moreno (org); *Tempo e Razão: 1600 anos das Confissões de Santo Agostinho*, São Paulo, Loyola, 2002.

PORFIRIO, PLOTINO; *Vida de Plotino; Enéadas (I-II)*, Tradução por Jesús Igal. Madrid, Gredos, 1992.

PLOTINO, *Enéadas (III-IV)*. Tradução por Jesús Igal. Madrid: Gredos, 1992

PUENTE, Fernando Eduardo de Barros Rey. *O tempo e a alma em Plotino e Aristóteles*. In: SOUZA, D. G. (Org.). In: *Amor scientiae: Festschrift em homenagem a Reinhold Aloysio Ullmann*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 245-270.

\_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Tempo em Aristóteles*. Loyola/Fapesp, São Paulo 2001

RAY, Christopher. *Tempo, espaço e filosofia*, Tradução por Thelma Médice Nóbrega. Campinas, SP; Papirus, 1993

REIS, J.; *O tempo em Plotino*, Revista Filosófica de Coimbra, n. 12, 1997.

RUFINO, José Renivaldo; *Passado, presente e futuro: O tempo da consciência e a consciência do tempo no pensamento de Santo Agostinho*, VERITAS, v. 48, n. 3, 2003.

SCHIOCHETT, Daniel; *O tempo na terceira Enéada de Plotino*, PERI, v. 01, n. 01, 2009. p. 11-20.

ULLMANN, R. A. *Plotino: um estudo das Enéadas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TER REEGEN, Jan. G.J., DE BONI, Luis A., COSTA, Marcos Roberto N. (org); *Tempo e eternidade na Idade Média*, Porto Alegre, EST Edições, 2007.